

4491 Bell  
29 23

O D E S  
DO DOUTOR  
FRANCISCO JOSE' DA COSTA,  
ALCINDO FILOMENO,  
NA  
GLORIOSA RESTAURAÇÃO  
DA  
LIBERDADE PORTUGUEZA.  
OFFERECIDAS  
A SUA ALTEZA REAL  
O PRINCIPE REGENTE  
NOSSO SENHOR.  
POR  
JOÃO RODRIGUES LIMA DE SIQUEIRA.



LISBOA:  
NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1813.

---

*Com Licença.*

C D E S  
DO DOUTOR  
FRANCISCO JOSE DA COSTA  
ALCANTARA  
NA  
GLORIOSA RESTAURAÇÃO  
DA  
LIBERDADE PORTUGUEZA  
A SUA ALTEZA REAL  
O PRINCÍPE REGENTE  
NOSSO SENHOR  
POR  
JOÃO RODRIGUES LIMA DE SIQUEIRA.



LISBOA:  
NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1812.

Com Licença.

## SENHOR.

### ODE I.

**A**O Excelso, e Soberano Throno de VOSA ALTEZA REAL tenho a honra de ir consagrar estas tres Odes de meu tio Francisco José da Costa, que intento publicar pela estampa. Para serem apresentadas despidas de suspeitosa lisonja, comsigo levão particular recommendação. V. A. R. he o assumpto, e unico motivo dellas; e o amor devido a V. A. R., que muito ardia no coração de quem as fez, foi quem as inspirou juntamente com outras composições de gosto, que lhe grangeárão bom nome entre os sabios. Merecem ser lidas pela Patria para testemunho, e exemplo da constante lealdade, que lhe rendia. Logoque por seu falecimento me vierão á mão o determinei fazer publicando-as para credito do Author, e dellas. Faltava-lhes para sahirem amparadas o terem a V. A. R. por seu Soberano Protector. Esta grande ventura, a que elle aspirava, tantoque as escreveu, procurando offerece-las a V. A. R., para lhes dar com o seu Nome Augusto maior authoridade, lhes busco eu agora, mui cheio de confiança, de que não será desprezada esta minha oblação da Beni-

gnidade de V. A. R. Para satisfazer sua boa  
intenção, que lhe atalhou a morte, cumpro o  
que elle praticára se vivêra. Por este modo,  
Senhor, conhecerá V. A. R., que nem na Obra,  
nem na Dedicção, com que a levo á Sua  
Real presença venho a ter mais que a execu-  
ção. Digne-se portanto acceitar-lhe a elle tu-  
do que aqui offereço, que tudo he seu; e a  
mim tão sómente, que he a parte que me to-  
ca, porque mais não posso, a submissa, e  
respeitosa obediencia, que lhe protesta o meu af-  
fecto. O Ceo dilate, e prospere a Preciosa Vi-  
da de V. A. R., e permita preencher ainda al-  
gum dia nossas anciosas esperanças, trazendo-  
nos a V. A. R. para afortunar esta sua terra  
natalicia com a sua presença.

Beija as Reaes Mãos de V. A. R.  
com o mais profundo acatamento

João Rodrigues Lima de Siqueira.

---

## ODE I.

*Em 24 de Outubro de 1808.*

**A**MADA Lyra minha,  
 Da vil lisonja sempre immaculada,  
 Eu consagrei-te aos hymnos da virtude ;  
 O Estro fosse humilde , o estilo rude.

As finas cordas d' oiro ,  
 De que o Patrio Mondego te adornára ,  
 Ao crime impune nunca as consagrámos ,  
 Nem pompa sem virtudes celebrámos.

Eu quebrei-te estas cordas  
 N' um triste dia , que esquecer quizera :  
 Julguei-me condemnado a horror , a pranto ;  
 Deixei-te , ó Lyra ; emudeceu meu Canto.

Da chara Patria aos males ,  
 Julguei , sobreviver não poderia ;  
 Saude enferma , e quasi moribunda  
Deu claras provas , do que n' alma abunda.

Por insperadas vias  
 O Soberano Sêr , que os Orbes rege ,  
 Remove o nosso misero destino ;  
 Abranda as iras ; olha-nos Benigno.

Disse . . . e tudo foi feito :  
 Dissipa-se a Illusão , brilha a Justiça ,  
 E nunca vista inesperada Gloria  
 Dá novo assumpto á Lusitana Historia.

Armão-se os Lusos braços ;  
 Recobra e Amor da Patria os seus direitos ;  
 E o Ceo , que sobre o nosso bem vigia ,  
 Lhe faz entrar soccorros , e energia.

Quebrão-se os duros ferros ,  
 Que imprimirão vergões nos roxos pulsos ;  
 Correm ás Armas os Varões , e logo  
 Brilha da Liberdade o santo fogo.

Respira em Liberdade  
 A Ditosa Nação . . . Pois sobrevivo  
 Ao mal passado , e da alegria o effeito  
 Dá novo alento ao esmorecido peito :

Torno a buscar-te , ó Lyra ;  
 Quero dispor-te a mais sublime Canto ;  
 Para satisfazer a meu desejo  
 As cordas d' oiro me offerece o Téjo.

De hum novo ardente raio  
 Sinto as faiscas abraçar-me o peito ;  
 Hum Estro novo a fantasia agita,  
 Que o moribundo Genio resuscita.

Persinto novo alento ;  
 A minha alma opprimida se dilata ;  
 O Genio Festival cheio de Gloria  
 Me leva ao Templo da immortal Memoria.

Entre Loiros , e Palmas,  
 Aos bellicos Trofeos sobresaíndo,  
 Em taboas de Diamante as Mãos Djvinas  
 Gravadas tem as Lusitanas Quinas.

Absorto em prazer tanto  
 Curvo o joelho ; adoro o Sér Supremo,  
 Em cujo Nome , quem confia , e espera,  
 Perdidas esperanças recupera.

Sobre este Altar Sagrado,  
 Em throno d' oiro , e fulgidos diamantes,  
 Levantar vejo hum decoroso Busto ;  
 Na base o Nome de João o Augusto.

De lagrimas ardentes,  
De Amor nascidas, se banhou meu rosto;  
Se ao mal sobrevivi, não sei se posso  
Supportar em meu peito o prazer nosso.

Alenta, ó Musa, o Vate,  
Pois mata o gosto, mais que mata a pena;  
Tua mão seja em meu soccorro prompta,  
Se o prazer grande o coração me affronta.

Emtanto aos meus ouvidos  
Sôa voz Respeitavel, Magestosa;  
A' parte dextra, olhei do Altar Sagrado;  
Vejo hum Nobre Ancião de ferro armado.

Nas Insignias conheço  
O claro Vencedor do Campo Ourique;  
E o Fundador da Lusa Monarchia  
Assim me falla cheio de alegria:

„ Póde gelar-se o Fogo,  
„ A neve arder, o Sol póde apagar-se,  
„ A Treva clara ser, a Luz escura;  
„ E liquida tornar-se a penha dura.

„ Poderão alterar-se  
„ Todas as cousas, que os Mortaes conhecem;  
„ Só não muda a Palavra Soberana;  
„ E quando hum DEOS promete, nunca engana.

„ As Solemnes Promessas  
 „ A mim, no Ourique feitas, vê cumpridas;  
 „ Olhou Benigno a Prole attenuada,  
 „ Em asperos perigos bem provada.

„ A'custa de trabalhos  
 „ Só se grangêa a verdadeira Gloria:  
 „ Cinja o Meu Neto o Loiro, ornem-lhe a Frente  
 „ Premios ganhados em trabalho ardente.

„ Em mil dourados quadros  
 „ Neste Alcaçar á Fama consagrado  
 „ Hão-de gravar-se os nomes gloriosos  
 „ Dos meus novos Guerreiros valerosos.

„ Vê como nova flamma  
 „ Lhe agita o sangue, dos Avós herdado!  
 „ Pois o herdado valor não degenera,  
 „ Sé o peito he firme na virtude austera.

„ Alcindo, toma a Lyra;  
 „ Rompe o lethargo, que eu te entrego a empreza,  
 „ A Gloria Lusa espalha em toda a parte,  
 „ Se a tanto te ajudar o engenho, e arte.

Sim . . . sim . . . Eu te obedeco,  
 Illustre Fundador do Luso Imperio,  
 Cantando a Lusa Gloria no Universo;  
 Se tão sublime empreza cabe em verso.

Fôra, sem teu preceito,  
 Temeraria ousadia tanto empenho ;  
 Mas como o mandas , tomarei a Lyra ,  
 E a debil mão as aureas cordas fra.

E vós , PRINCIPE AUGUSTO ,  
 Inclinaí por hum pouco a Magestade ;  
 Votos ouvi de hum Povo , que vos ama ,  
 Que sobre vós dos Ceos as benções chama.

Votos de Amor sincero  
 Dos tenros corações dos Lusos vóão ;  
 Vinde , Senhor , chegai por Gloria nossa ;  
 Gozai da Terra , que de Juro he vossa.

Os Lusitanos braços ,  
 Os fieis peitos , ternos sacrificios ,  
 Tudo segura Vosso Throno Augusto ;  
 Sentai-vos nelle , e descançai sem susto.

Os nossos sacrificios  
 Vosso Coração Illustre toquem ;  
 E julgareis qual he mais Excellente ,  
 Se ser do Mundo Rei , se de tal Gente.

---

## O D E II.

*Em 27 de Outubro de 1808.*

**D**A negra boca do Cocito horrendo,  
 Envolta em torvo fogo,  
 Salta a feroz Discordia sobre a terra,  
 Dos agitados olhos  
 Ceruleas chammas em redor lançando:  
 Com pavoroso grito  
 Taes palavras da boca lhe sahirão: =  
 „ E soffrerei, que possa  
 „ A Paz, minha inimiga, sobre a Terra  
 „ Sustentar seu Imperio! . . .  
 „ Não lho quero soffrer: = disse; e maligna  
 As venenosas Serpes,  
 Que a emmaranhada frente lhe guarnecem,  
 Ardendo em raiva arranca,  
 E sobre as negras azas levantada  
 Por toda a parte as solta,  
 Porque o veneno em toda a parte espalhem.

Convoca a esta empreza  
 O largo bando das Tartareas Furias:  
 O cego Fanatismo,  
 A astuta Hypocrisia, a Fraude experta,  
 A faminta Avareza,  
 O Rancor Infernal, Cruexa injusta,  
 A Ambição sem medidas,

Brutal Impudícia , o Dolo insano  
 O impio Sacrilegio;  
 Em seu serviço emprega as Fúrias todas,

Convulsa gême a terra ;  
 E funestos presagios tudo assustão.

Alça a Discordia a dextra ,  
 E toma os fachos da cruenta Guerra ;  
 Soprão-lhe o fogo as Fúrias ,  
 E a voraz chamma se apossou do Mundo.

Tu , Batavo severo ,  
 Tu , Suisso constante , tu , Germano  
 Tão mimoso de Marte ,  
 Tu , ó Italo astuto , e industrioso ,  
 Que ter supremo Imperio  
 Nas artes da Politica presumes ,  
 E tu , Prussio aguerrido ,  
 Tu , Polaco fiel . . . nos fortes pulsos  
 Os grilhões recebestes ,  
 Quaes a implacavel Furia quiz lançar-vos.

Vôa por toda a parte  
 O ferro , o fogo , o pranto , o estrago , a morte ,  
 Que famintas Arpias  
 De perto escoltão ávidas de roubos.

Tu , minha amada Patria ,  
 Lusitania famosa , tu sentiste  
 As implacaveis iras  
 Do fero Monstro que a Virtude ataca ,  
 Nem respeita a Innocencia ,  
 Nem da Modestia as maximas conhece ;  
 Que Abutres negros céva

No sangue do pupillo, e tenra virgem,  
 Do orfão desvalido,  
 Do provento ancião, que em braço inerte  
 A espada já não vibra.  
 A subita invasão de tantos males,  
 Que o Dolo, a Hypocrisia,  
 Com veos especiosos encobrirão,  
 Te deixa em triste enleio  
 Na força de mil penas abatida.

As pezadas algemas  
 Cingirão os teus braços, imprimindo  
 Nelles vergões profundos:  
 E foste constrangida, os grilhões duros,  
 (De Protecção tratados)  
 A beijar . . . inda mais . . . á boca, aos olhos,  
 Ao peito angustiado  
 O próprio desafogo foi vedado.  
 Vós, lagrimas, suspiros,  
 Ereis julgados da Policia crimes.

Pacificas Virtudes . . .  
 Como escondidas pelas ermas serras,  
 Alçando as mãos ao alto,  
 Quietas suspirais! . . . Descei ao Campo  
 E cheias de corage,  
 Com o Monstro arrostai; . . o raio ardente  
 Do Deos, de quem sois filhas,  
 Vibrai sobre esta fera, a quem não fartão  
 Thesouros, sangue, e mortes;  
 Que ataca a hum tempo o Santuario, e o Throno.  
 Mas ah! . . que as vossas preces  
 Sobem aos Ceos, e Jehova internecem,  
 Que os flagellos suspende,  
 E poder, e clemencia aos Lusos mostra.

Que vemos, charos Lusos? ...  
 O Anjo Tutellar da Monarchia  
 Sobre huma nuvem d'oiro,  
 Descendo vem dos Ceos aos Lysios montes,  
 Justiça, e Fortaleza,  
 Huma a lança vibrando, a outra a espada,  
 Vem a seu lado; ouzadas  
 O quasi moribundo esforço excitão  
 Nos corações dos Póvos;  
 O Amor da Patria cobra os seus direitos;  
 Da Razão, da Lealdade  
 Torna a brilhar a luminosa flamma,  
 Que as illusões dissipa,  
 Como o subito raio as Nuvens fende;  
 Patriotico alento,  
 Que a nossos Pais fizera tão famosos,  
 Accende-se de novo,  
 Nos bravos corações do Luso Povo,  
 Cujo Nome, outra idade  
 Já fez Aguias tremer, fez tremer Luas.  
 Da Liberdade ao grito,  
 Que Amor da Patria em toda a parte espalha,  
 Ergue a abatida fronte  
 A Lusa Monarchia: os ferros quebra,  
 A aguda espada empunha,  
 E cortando no campo os verdes loiros,  
 Em Canticos de Gloria  
 Faz soar de JOÃO o NOME AUGUSTO.  
 Correi, Herminios bravos,  
 Correi, ó Brigantinos; e co' as palmas,  
 Que colhestes nas margens  
 Do patrio Doiro adereçai a frente;  
 Correi, Heroes Guerreiros,  
 A Igreja, a Patria, e toda a terra attenta

Fixou em vós as vistas ,  
 Dos primeiros triunfos espantada.  
 Vêde o Algarbico Povo ,  
 Ao Transtagano unido , os mesmos votos  
 Aos altos Ceos mandando ,  
 Que os altos Ceos propicios escutarão ! . . .  
 Eis . . . chega em vosso auxilio  
 Britano Pavilhão , valente , e amigo ;  
 Vem o Leão Hesperio  
 Unir-se á Serpe Lusa ; e de concerto  
 O fero Monstro atacão ,  
 Que em vão dolosas artes exercita .  
 Qual o raio trisulco ,  
 Dos Ceos vibrado , altivo sovereiro  
 Queima , e abraza ; restão  
 Apenas os fragmentos por memoria  
 Da mão , que o despedira : . . .  
 Assim das tres Nações , que os Ceos unirão ,  
 Os inimigos protervos  
 Força invencível sobre si sentirão .

Cabe a Soberba , o Orgulho ,  
 Da tocha da Justiça ao claro lume :  
 Hum Deos se mostra ao Mundo ,  
 Que os Crimes pune , e que a Innocencia vingá :  
 E o Monstro , que pasmado  
 Da súbita mudança , o estrago via ,  
 Mordendo as mãos nefandas ,  
 Onde refugio busca ! onde o procura ! . . .  
 O Monstro vive ainda ? . . .  
 Vive para triunfo da Virtude ,  
 Do Valor , da Prudencia  
 Que dos modestos Loiros se contentão .

Vinde , ó PRINCIPE AUGUSTO ,

Triunfai ; que esta pompa vós preparão  
 A Justiça , a Lealdade ,  
 O Amor da Patria , o Coração dos Lusos ,  
 Os feis Alliados ;  
 Nossos votos vos chamão ; vinde encher-nos  
 De alegria , e de gloria.  
 Saudosos olhos estendendo aos Mares  
 Os Lusitanos Póvos  
 Anhelão vossa vinda , e vos esperão.  
 Vinde occupar o Throno  
 Que o Amor , a Lealdade , o Esforço firmão ,  
 Sentai-vos nelle , e descançai sem susto :  
 Conhecei nosso Amor , **PRINCIPE AUGUSTO** .

---

## O D E III.

*Em 28 de Outubro de 1808.*

**L**EVEM-TE os ventos prosperos Galernos,  
 O' Náo afortunada,  
 Sólta-lhe as pandas azas ; chega á praia  
 Da Americana Terra ;  
 Busca o Thesouro , que esta praia encerra.

Vôa ao través dos Mares mais ligeira  
 Do que em noite serena  
 Etherea exhalação os arés fende ,  
 Chega á Terra contente,  
 E lança ahi gostosa o ferreo dente.

Se acima das Esferas podem versos  
 Erguer cousas terrenas ,  
 Eu te prometto , ó Náo , que ao lado de Argos  
 Tu sejas collocada ,  
 E dos mais dignos Vates celebrada.

A' nossa vista, que anciosa segue  
 Teu ligeiro caminho,  
 Lhe parece te moves preguiçosa:  
 Qualquer onda nos custa  
 Suspiros receosos . . . nos assusta.

Em ti recebe o PRINCIPE ADORADO,  
 Terna saudade nossa;  
 Presta-lhe os votos da Nação inteira,  
 Seu amor, seu desejo;  
 Traze-o a salvo á clara foz do Têjo.

Olha a Lysia feliz, que suspirando  
 Mil preces aos Ceos manda;  
 Rogando, te dêm prospera viagem;  
 Ao Têjo volta ufana,  
 Traze a Regia Família Soberana:

Se vires, que Neptuno em leve Carro  
 Vem render-lhe homenagens  
 Devidas ao Senhor dos largos Mares;  
 Dize-lhe, venha ao Têjo,  
 Que ali será acceito o seu cortejo,

De finas pedras, emulas dos astros,  
 Colares, e Manilhas  
 Com seus thesouros, Amphitrite bella  
 Indaque dar-te quèira,  
 Seus aureos dons despreza, e vem ligeira,

Dize, que em vez de perolas custosas  
 Tem a Família Regia  
 Em nós dons de mór preço, mór valia;  
 Que valem mais mil vezes  
 Os ternos Corações dos Portuguezes.

Tragão-te os Ceos, ó Náo, tragão-te embora;  
 Tragão por nossa gloria:  
 Do Téjo as Filhas em lustroso bando  
 Nesse ditoso dia  
 Hão-de ir beijar-te cheias de alegria.

Emtanto que não chegas, nossos votos  
 Ao PRINCIPE apresenta,  
 Mostra-lhe o amor dos Portuguezes todos,  
 Mostra os nossos extremos,  
 E quanto feito em seu serviço temos.

E vós, AUGUSTO PRINCIPE ADORADO,  
 Nosso abrigo seguro,  
 Nossos votos ouvi, nossos suspiros;  
 Vinde por gloria nossa,  
 Gozai da Terra, que de Juro he vossa.

Certo do nosso Amor, nossa Lealdade,  
 Entrai na Patria Lysia;  
 Vereis que, em Corações dos Portuguezes,  
 Se firma o Vosso Throno,  
 Da sua pura fé seguro abono.

Dize, que em vez de palavras cruetadas  
Tem a Familia flegta  
Em nos dons de mdr pigo, vmdn kalla; par ali  
Que valen mais mil vezes  
Os ternos Corações dos Portuguezes antigos

Talento os Gens, e Nho, rigdo se emborça  
Talço por nosa glória  
Do Tio as Filhas em lãres dadas  
Nossas ditosa hã  
Hão de ir dejetar o choro de agra

Embato que nã chegas, nos a voz  
Ao Patria apresenta  
Mostre-lhe o amor dos Portuguezes todos  
Mostre de nosas extimas  
E quando feito em seu serviço tomou a voz

E vós, Augusto Patria Adriano  
Nosso adigo seguro  
Nossos votos outi, nosos suspiros  
Vinde portuguezes nosa  
Gozai da Terra, que de Juro he vossa

Certo do nosso Amor, nosa Lealdade  
Entrei na Patria Lyria  
Veris que, em Corações dos Portuguezes  
Se ama o Vosso Throno  
Da sua paz le seguro abno